

## OS SURDOS NARRANDO SEU TERRITÓRIO: UMA BREVE INCURSÃO<sup>1</sup>

The Deaf narrating their territory: a brief incursion

**Cláudio Henrique Nunes Mourão<sup>1</sup>**

**Bruna da Silva Branco<sup>2</sup>**

### RESUMO

Neste artigo é apresentada a análise a partir da questão norteadora: “existe povo sem território?”, tomando por base as narrativas e contribuições dos Estudos Surdos e Estudos Culturais, que nos ajudarão a desenvolver a discussão. Tomaremos alguns autores que pesquisam e conceituam território e territorialidade para somar com suas perspectivas. Aqueles que narram sua história, cultura e significações nos darão pistas e nós, com olhares atentos, analisaremos o que está nesse discurso. Os dados coletados foram extraídos dos recortes

### ABSTRAC

This article presents an analysis based on the guiding question: *is there a people with no territory?*, and the narratives and contributions of Deaf Studies and Cultural Studies will help us develop the discussion. We will have the perspective of authors who research and conceptualize the terms *territory* and *territoriality*, to sum up their view to our perspective. Those individuals who narrate

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Professor Adjunto no Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas no curso de bacharelado em Letras, habilitação como Tradutor e Intérprete de Libras-Português/Português-Libras, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil; e-mail: claudiomourao@gmail.com.

<sup>2</sup> Bolsista da CAPES e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) na Universidade Federal Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil; e-mail: bbrunabranco@gmail.com.

dos textos da dissertação de Cláudio Mourão “Território” e do poeta Rimar Segala, que apresentou uma prosa poética em Libras “Território”. Os dados são materiais empíricos; neste caso, analisamos e descrevemos categorias territoriais: o que acontece? O que está sendo formado? O que tem se transformado nas vidas dos surdos? Será que eles “narram” que se deslocam no território? Os resultados de nossa análise, compartilhamos aqui neste artigo.<sup>3</sup>

their story, culture, and significances will give us hints and we will analyze, through an attentive look, what is written in the discourse. The data collected were extracted from parts of the texts from Claudio Mourão’s thesis, entitled “Território”, and from the poetical prose “Território” signed in Libras (Brazilian Sign Language) by the poet Rimar Segala. The data are empirical materials, and in this case, we will analyze and describe the territorial categories: what happens? What is being formed? What has been changing in deaf individuals’ lives? Do they narrate that they move in this territory? We share the results of our analysis in this article.

#### KEYWORDS

Territory; Cultural Studies; Deaf Studies; Sign Language; Deaf territory.

**Palavras-chave:** Território; Estudos Culturais; Estudos Surdos; Língua de Sinais; Território Surdo.

## Introdução: entrando no território surdo

Fomos convidados para participar deste grupo de autores para escrever sobre os Estudos Surdos e Estudos Culturais, e trazemos aqui um recorte da dissertação de MOURÃO (2011), intitulada *Literatura Surda*: produções culturais de surdos em língua de sinais<sup>4</sup>, que apresenta uma seção intitulada “Território”, e a prosa poética de Rimar Senzala (2016) com o título “Museu Território”.

As mãos literárias são carregadas das experiências que acarretam um circuito da cultura, das produções históricas, culturais e linguísticas. Nesse sentido, existem muitos destaques nas experiências das mãos literárias, pela produção em língua de sinais pelos sujeitos surdos, sinalidade, produzindo os registros na visualidade. (MOURÃO, 2016, p. 226).

<sup>3</sup> Cesar Rafael R. Santos, mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, UFMA, MA, Brasil. Tradução intralingual e intermodal deste artigo.

<sup>4</sup>A dissertação completa de Cláudio Henrique Mourão Nunes, está disponível em: [http://hdl.handle.net/10183/151708]. Acesso em: 27 mar. 2021.

Por essa razão, queremos dialogar com alguns autores para refletir sobre este artigo, começando então com Lucyenne Costa (2007), que trabalhou em um momento de sua dissertação com os Estudos Surdos no território dos Estudos Culturais; o artigo das autoras Madalena Klein e Márcia Lise Lunardi, (2006) intitulado “Surdez: um território de fronteiras”; o capítulo “A surdez é um grande país...” que compõe a obra “A política da surdez”<sup>5</sup> de Owen Wrigley (1996); e o capítulo “Território e territorialidade de resistência”, da tese de Claudionir Silva (2014). E ao longo deste artigo pretendemos desenvolver a ideia de território surdo tecendo e entrelaçando conexões com os autores aqui mencionados.

Ao iniciarmos nossas pesquisas e nossas reflexões, chegamos a um questionamento e o resultado dessa discussão queremos partilhar com aqueles que, como nós, têm se debruçado no campo dos Estudos Surdos. Diante disso, a questão norteadora deste artigo é: Existe povo sem território?

Stuart Hall (2011, p. 52) comenta sobre “narrando a nação: uma comunidade imaginada, a narrativa da nação tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”. São eles, os surdos, que narram sua constituição e subjetividade entre seus olhos e suas mentes, compartilham-na entre seus pares de modo coletivo, produzem significados de sua existência. As narrativas de si mesmo e de seus pares são como histórias, surtem o efeito de se expressar em narrativa, prosa, poesia, crônica, humor, artes, etc. A nação que faz parte da história e da literatura.

O território é como nação, segundo Lucyenne Costa (2007, p. 58) “uma nação é uma comunidade simbólica.” Ela comenta sobre o povo surdo e a nação quando apresenta indivíduos que trazem consigo um senso de pertencimento a esse grupo, não apenas, mas principalmente, pela língua compartilhada.

Nesse sentido concordamos com Lucyenne Costa quando nos apresenta o conceito de comunidade simbólica, pois acreditamos que esse entendimento também pode ser trazido como lente quando olhamos para a comunidade surda.

O início do texto do território “local” da dissertação de Cláudio Mourão cita:

Na infância e adolescência das pessoas, no território “local”, existem múltiplas manifestações culturais ou diferenças culturais. Manter algumas convivências e participar de alguns ambientes,

<sup>5</sup> Tivemos acesso a uma versão traduzida do livro original em língua inglesa *The Politics of Deafness* e ao capítulo “Deafness Is a Big Country” para fins de estudo.

interagir com as pessoas pela comunicação, respeitar um ao outro, enfim, isso é o que costumeiramente fazemos na escola, onde aprendemos a construir a vida. (2011, p. 34).

Propomos então repensar o conceito de território, e não pensar território físico e/ou nacional. O conceito de território aqui não seria apenas estrito, mas também com um caráter que transcende esse entendimento, o caráter simbólico que dá significado num aspecto mais subjetivo; a esse termo atribui-se o sentido de local de abrigo, de segurança, de familiaridade. Segundo Claudionir Silva (2014), existe a comunidade surda na territorialidade de resistência, em que se desenvolve o sentimento de pertencimento e construção identitária:

Territorialidades de resistência são configurações de grupos sociais que a partir da construção de uma identidade cultural lutam pela sua preservação, em detrimento das tentativas de subordinação, ocultação ou assimilação pela cultura majoritária. (p. 55).

Não temos a pretensão de esgotar as discussões sobre o conceito de território, seu significado tem sido revisto por outros autores em perspectivas distintas, mas não iremos aprofundar a discussão em torno desse assunto neste artigo. Território é uma construção histórica, cultural e literária, de ação humana. Segundo Haesbaert (2004, apud SILVA, 2014, p. 73), “(...) território compreende relações de poder, cultura e identidade, conceitos estes fundamentais para a elaboração dos conceitos de territórios e territorialidade de resistência.”

A comunidade surda também é um espaço de domínio, de resistência territorial, a territorialidade traduz o sentimento de pertencimento a um local que não é físico, nem por isso irreal, identificado pelos membros dessa comunidade, é um ambiente de segurança e conforto linguístico, nele são produzidos significados dessas minorias linguísticas.

O território é sentido de forma individual no campo cultural, não são as pessoas que nascem em território nacional, mas no espaço “local”, um território paralelo onde os sujeitos surdos vivem tanto no “território nacional” como nesse “local”, um espaço onde as mãos dos surdos os transportam, restabelecendo novas fronteiras; um espaço de transformação, compreensão, identificação. Nesse encontro, o presente ressignifica o passado do ser, do sujeito que agora convive no hibridismo cultural. Segundo Stuart Hall (2011) “(...) as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas”, entendemos então que a percepção que temos do “meu lugar” pode ser alterada e compreendermos outro espaço como

nosso, nos identificarmos em outro local; nessa renovação de local identitário acontece o que não podemos desvincular, é o nosso passado para o presente.

Afinal, o sujeito surdo que vive no território e possui sentimento de apropriação vive o que chamamos de hibridismo cultural, sendo cidadão de uma forma do território nacional, como qualquer pessoa que nasça nele, e ao mesmo tempo cidadão do território surdo em seu espaço cultural, que traz sua história, língua e tradições. Owen Wrigley (1996) diz que “a surdez é um ‘país’ sem um ‘lugar próprio’. É uma cidadania sem uma origem geográfica”. Esse entendimento ratifica o conceito a que esse artigo se propõe, de que há um lugar de pertencimento do povo surdo, lugar abstrato cheio de valor e significado cultural a seus cidadãos.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27).

Nos seus territórios de origem, o sujeito vivencia no tempo os efeitos que o modificam, enriquecendo a si e a suas línguas, tornando-se um ser híbrido cultural nos territórios onde habita. Nos discursos (pares e coletivos) — de origem como minorias linguísticas e suas histórias — são passados e transmitidos significados do presente. O presente está na página da história, com bases científicas e registros, nele existem artefatos culturais que preservam a memória em todos os sentidos, como sujeitos, raças, idiomas, identidades e outros, todos eles preservados como que no museu dos territórios, como veremos adiante.

Ao se estabelecer um novo território, discursos clínicos na educação colonizam esse espaço com práticas discursivas, trazendo ao território influências de uma maioria linguística, sob uma perspectiva inclusivista. Esse modelo ouvintista, etnocêntrico, com um modo de pensar de um grupo dominante; na tentativa de se estabelecer por meio da sua ideologia dominante, adota práticas colonizadoras. São práticas linguísticas genocidas, de apagamento da língua de sinais, pois a tratam com preconceito linguístico, se valendo do status “modelo ouvinte”.

É uma cultura do “ouvintismo”, que em suas práticas traz tentativas de correção e normalização com violência institucional ao negar a existência

da comunidade surda e da língua de sinais (CARLOS SKLIAR, 2013). O passado-presente torna-se parte dessa história, como no texto Museu de Território.

Aqui usaremos Território Surdo para nos referir ao território “local”, de segurança, de identificações, abrigo, espaço entre os olhos e as mãos, pertencimento cultural do povo surdo. Território Surdo não é lugar de dominação fechado, mas no sentido de ser um local onde flui a identificação e os ideais do povo surdo, onde circula sua cultura e o sujeito surdo pode ser ele mesmo. Segundos pesquisadores como Owen Wrigley (1996) e Lucyenne Costa (2007), os sujeitos surdos que vivem num “país sem território” transmitem as suas narrativas de geração a geração, compartilham entre seus pares no coletivo, histórias, literaturas, tradições e outros discursos a fim de manter o sentimento de povo, isto é a nação surda.

Os sujeitos surdos que vivem no território nacional – brasileiro, onde a Língua Portuguesa é a língua dominante – já possuem sua língua reconhecida legalmente, a saber, a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Em um esforço de materializar seu território, de torná-lo concreto, os surdos se valem de espaços que qualificam o território surdo, como as associações de surdos, escolas de surdos, esportes surdos, pontos de encontros de surdos e outros. São espaços da resistência surda e de concretização de sua territorialidade. Citando Ronice Quadros:

A Língua Brasileira de Sinais é a língua usada no Brasil pelas comunidades surdas espalhadas por todo o território nacional. Ela não possui localização geográfica específica, como acontece com as línguas indígenas. Tanto quanto a língua portuguesa, é uma língua pulverizada por todo o país, especialmente nas grandes cidades brasileiras, onde há concentração de surdos brasileiros que compartilham espaços comuns, tais como escolas, associações, pontos de encontro de surdos, igrejas, entre outros. (2019, p. 25).

Alguns registros vêm mostrando que o povo surdo vem ganhando novos limites territoriais uma vez que os estudos têm avançado e mais surdos se destacam. Isso permite que os surdos se tornem referência para futuras gerações, para que não mais sejam oprimidos num espaço minoritário, mas que avancem livres. A pesquisadora Myrna Monteiro (2017), que fez uma pesquisa entre 2003 e 2016 sobre a quantidade de mestres e doutores surdos no Brasil, localizou 127 mestres surdo(a)s e 21 doutores surdo(a)s, nas áreas de Educação, Linguística, Tradução e outras. A cada ano que passa, multiplica-se o número de pesquisadores surdos com vários artigos acadêmicos publicados, conforme mostra a pesquisa

de Ramon Linhares (2019), que apresenta 210 teses e dissertações realizadas por pesquisadores surdos.

Segundo pesquisa desenvolvida por Flaviane Reis (2015) entre 1997 e 2015, há 174 professores surdos efetivos nas Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil. A cada ano, vão conquistando o território da Educação Superior no Brasil.

No território brasileiro, há mais línguas do que imaginamos. Temos mais de duzentas línguas minoritárias no Brasil (BAGNO, 2015). Mas é como se fossem invisíveis, pois parece que há uma única língua na comunidade. Isso é um equívoco, pois o povo surdo que nasce Brasil, no mínimo, está diante de uma situação bilíngue – Libras e Português – e vive no hibridismo cultural. Madalena Klein e Márcia Lunardi (2006, p. 15) descrevem:

Conceitos como descentramento, desterritorialização e reterritorialização cultural nos permitem falar da surdez a partir de um entendimento de hibridismo cultural, que pode ser lido como mescla, mistura, fronteiras que possibilitam diferentes combinações, diferentes constituições de sujeitos e culturas.

Por outro lado, além da Libras, há mais de dez (10) línguas de sinais no Brasil, segundo as pesquisadoras Ronice Quadros e Diná Silva (2019):

Classificação da Comunidade surda segundo Quadros e Silva, 2017	Autor (Ano)	Nome da Língua de Sinais	Localização
Centros urbanos	Ferreira-Brito(1984)	Libras	Todo o território brasileiro
Aldeias (locais)	Kakamasu(1968) e Ferreira e Brito (1984)	Língua de Sinais Urubu - Kaapor	Índios Urubu – Kaapor (Maranhão – Brasil)
	Azevedo (2015)	Língua de Sinais Sateré-Waré	Índios Sateré-Waré (Parintins – Manaus)
	Giroletti (2008)	Língua de Sinais Caingangue	Índios Caingangue (Xanxerê – Santa Catarina – Brasil)
	Vihalva (2012)	Língua de Sinais Terena e Guarani	Índios Kaiowá (Mato Grosso do Sul – Brasil)
	Damasceno (2017)	Língua de Sinais Pataxó	Índios Pataxó (Aldeia Coroa Vermelha, BA)
Comunidades isoladas (rurais, vila, locais)	Pereira (2013)	Cena	Várzea Queimada (Jaicós, PI)
	Cerqueira & Teixeira (2016)	"Acenos"	Cruzeiro do Sul (Acre)
	Fusilier (2004)	Língua de Sinais da fortalezinha	(Ilha do Marajó, PA)
	Fusilier(2004)	Língua de Sinais de Porto de Galinha (Ilha de Soure)	Ilha de Soure, Porto de Galinhas, Ipojuca, PE
	Temóteo (2008)	Língua de Sinais de Caiçara	Sítio Caiçara, Várzea Alegre, CE

Fonte: QUADROS (2019, p. 39), Línguas de Sinais do Brasil. Adaptação com base em Quadros e Silva (2019:39-40)

Podemos imaginar que há mais comunidades surdas em diferentes locais, cada um com sua própria territorialidade, forma sua cultura, é um grande passo para registrar e documentar. Existem culturas e línguas, devemos correr para não perder essa história, faltam-nos equipes para avançar nas pesquisas. Lodenir Karnopp, Madalena Klein e Márcia Lunardi-Lazzarin (2011) perceberam que faltam registros das produções culturais:

Além do registro das produções culturais de pessoas surdas através da escrita em língua de sinais e de traduções para a escrita da língua portuguesa, outras formas de documentação, como filmagens, são fundamentais para o registro das produções culturais que vão se perdendo ou se transformando. Para uma comunidade de surdos manter o leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais, os registros visuais são indispensáveis na criação de bibliotecas visuais, potencializados com a implementação de novas tecnologias da informação. (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 210).

Neste artigo, trazemos as categorias de território surdo nos acontecimentos, nas comunidades surdas, nas tendências de gerações contemporâneas. Como as autoras Madalena Klein e Márcia Lunardi (2006, p. 18) citam:

Território pode ser relativo tanto ao espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI & ROLNIK, 1986).

Na próxima seção, vamos analisar os dados do recorte “Território” da dissertação do Cláudio Mourão (2011) e a prosa poética no vídeo em Libras intitulado “Território”, de autoria de Rimar Segala (2016).

## 1. Níveis território/s...

Explorando territórios, vamos fazer aqui uma análise do material empírico a partir de dados coletados nas produções de dois poetas surdos brasileiros. Vamos usar recortes de suas narrações em prosas poéticas para dividir em categorias e estabelecer uma relação com os Estudos Culturais e os Estudos Surdos. Há muitos aspectos para pensarmos e refletirmos sobre seus significados no território. Não conceituaremos nesse ponto o que entendemos por território,

já o fizemos acima, mas neste momento iremos nos ater a identificar e descrever algumas categorias territoriais. O que acontece? O que está sendo formado? O que tem transformado as vidas dos surdos?

Primeiro faremos os recortes do texto da dissertação de Cláudio Mourão, “Território”, um texto acadêmico ao mesmo tempo uma narrativa, estética, entre poesia e prosa. O segundo material de análise será o do poeta Rimar Segala, que fez uma prosa poética em Libras intitulada “Território”<sup>6</sup>, e nos apresenta uma viagem significativa em que o presente nos ajuda a compreender/entender o passado, efeitos da história. Os dois textos são produções de pesquisadores surdos, sendo que o texto original de Rimar Segala está pelo link disponível na nota de rodapé. Dado os efeitos de modalidade de produção da língua, aqui apresentaremos uma versão traduzida e autorizada pelo autor para efeitos didático-metodológicos da análise a que se destina esse artigo, em tradução da Libras para o Português.

## 2. “Território”

Um certo dia, há um tempo, atrás, deparei-me com um museu e em sua fachada estava escrito “MUSEU DO TERRITÓRIO”. Intrigado, decidi adentrar sua grandeza e comecei a admirar uma grande escadaria. Subi largas colunas e diante de um portal vi, ao abrir as portas, estandartes de diferentes nações e num canto mãos a flamular. Ao tocar em um desses estandartes, o mesmo projetou frente a mim aquela bandeira. Era do meu Brasil. Fui levado a rever sua história, regressei no tempo, quando os portugueses colonizaram estas terras extraindo suas riquezas, fazendo uma grande revolução, retirando seu ouro, trazendo sua flora, o momento da declaração de sua independência da escravidão e de tantos marcos, nossa!!! Quanta história no Brasil.

Ao lado dessa outra bandeira que se projetou quando a toquei, me revelando seus traços e me projetando a sua história num período de duelos, muralhas, reis cavalgando, combates, guerras, uau... e a diversidade de bandeiras naquela sala era de admirar, mas e aquelas mãos se agitando, o que seria?

---

<sup>6</sup> No dia 27 de setembro de 2016, Rimar Segala publicou o vídeo em Libras sem legendas na rede social Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/rimar.r.segala/posts/1170564186352367]. Solicitamos tradução de Libras para Português para o tradutor Cesar Rafael.

Me aproximei e ao trocá-las fui levado no tempo em que Lepper ensinava crianças em língua de sinais. Uau!!! Toquei em outras mãos fui e levado no tempo a Gallaudet na preparação de vários estudos... toquei em outras e me vi no Brasil no tempo em que a Feneis foi fundada e Ana Regina.... toquei em outras que me levaram ao tempo da proibição da língua de sinais no congresso de Milão, quando da votação e da decisão pelo oralismo .... Nossa!!! Agora, ao olhar para a inscrição “Museu do Território”, entendo que nós surdos não temos um território físico como esses diversos países. Para nós, surdos, nossa língua de sinais é nosso real território!

Autor Rimar Segala

Tradução Cesar Rafael R. Santos<sup>7</sup>

-----

A partir dos textos aqui apresentados, investigaremos e analisaremos as narrativas, de modo a identificar nelas os territórios e seus níveis, relacionando-os com os Estudos Culturais e Estudos Surdos. Categorizando assim no território paralelo quatro (4) territórios e/ou níveis territoriais.

### *Território “Nacional”*

Ao tocar em um desses estandartes o mesmo se projetou frente a mim, aquela bandeira era do meu Brasil, fui levado a rever sua história, regressei no tempo quando os portugueses colonizaram essas terras extraindo suas riquezas, trazendo uma grande revolução, retirando seu ouro, trazendo sua flora, o momento da declaração de sua independência da escravidão e de tantos marcos; nossa!!! Quanta história no Brasil. Ao lado dessa outra bandeira que se projetou quando a toquei, me revelando seus traços e me projetando a sua história num período de duelos, muralhas, reis cavalgando, combates, guerras, uau... (RIMAR SEGALA).

Aqueles que nascem no Brasil são brasileiros e constroem a história do Brasil. É importante compartilhar e receber a educação e os surdos que nascem no Brasil são brasileiros também, a estes importa receber uma educação sobre seu país, ter acesso à comunicação em sua língua de instrução, a língua de sinais, ou melhor, a Língua Brasileira de Sinais – Libras – a própria sigla de sua lín-

<sup>7</sup> Tradutor e intérprete de Libras/Português e mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, UFMA.

gua carrega o seu pertencimento. E com os seus pares surdos, com professores surdos/ouvintes, na sala de aula com outros alunos surdos que partilham conhecimento no espaço escolar, pois estes vivem no território nacional. O surdo nesse contexto é um sujeito bilíngue que vive no meio social, trazendo práticas sociais de interação entre o par linguístico Libras e Português, por onde quer que circule, por exemplo: filmes com legendas em Português e/ou em Libras, com janelas de intérpretes que tornam aquele conteúdo acessível, periódicos como jornais, os livros etc.

Existem ainda aqueles surdos monolíngues, que utilizam a língua de sinais, mas que compreendem pouco a Língua Portuguesa e por isso não recebem educação adequada e muitas vezes acabam por vivenciar o fracasso na escola. Os surdos que receberam educação tornam-se agentes de difusão do conhecimento e o compartilham com os surdos monolíngues e/ou sujeitos surdos monolíngues. Esses se valem mais do direito de ter acesso aos conteúdos e informações pela figura do profissional intérprete nas práticas sociais educacionais, que nesse momento se atraem e começam a estabelecer interesses e laços comuns. Também queremos mencionar que na configuração social da comunidade surda não há apenas intérpretes profissionais, há também aqueles que têm essa função outorgada pela comunidade, como intérpretes honorários, sejam eles surdos ou ouvintes.

### *Território “Local”*

Havia/há sujeitos surdos que desconheciam e/ou desconhecem o assunto “ser surdo”, ser constituído por uma língua, identidade, cultura, pertencer a uma comunidade e a um povo estabelecido em um território. Há aqueles que nunca chegaram a ter informações de “surdo”, nem tiveram qualquer contato com outro surdo. Isso se dá de várias maneiras, a exemplo da questão “como educar as crianças surdas em sua língua”. Por algumas questões históricas, num determinado contexto enfrentou-se um momento de obscuridade que compreendia, no campo da filosofia, a razão baseada na língua falada, no modelo do ouvintismo. Segundo Gládis Perlin e Flaviane Reis (2012, p. 29) “a identidade ouvinte era a única saída, o modelo, a possibilidade, a norma”. Para tentarmos exemplificar um pouco mais essa questão, consideremos a metáfora do copo de xote e o copo de whisky: o líquido que preenche um copo de xote ao ponto de transbordá-lo não

é suficiente para encher o copo de whisky. Esse mesmo sentimento é o que o sujeito surdo carrega quando tem apenas parte de uma cultura, parte de uma identidade e parte de uma língua: o que na perspectiva ouvintista já seria o suficiente para o completar o copo não representa para nós o sentimento de transbordar.

Com base no relato dessas vivências, entendemos que o território local é um local onde o indivíduo surdo não se reconhece, vive em conjunto com ouvintes, mas não se percebe pertencendo àquele local. Esse questionamento, se falta algo e/ou se é assim mesmo, claro que não estamos generalizando, mas essa é uma fase que vários surdos já viveram ou vivem no “território local”. É preciso tempo para entender e/ou compreender os pensamentos dos surdos. Há várias dúvidas que surgem e acabam conduzindo a questionamentos similares, como: O que estou fazendo? Por que sou diferente dos outros? Por que não falo como eles falam, pela boca? Cláudio Mourão (2011) fez uma questão na dissertação de mestrado “já imaginou como seria um surdo no meio do território da infância e da adolescência?”

Relembro que na infância e adolescência, em que convivia em um território desconhecido, estava no meio das pessoas, sempre estava lá com os outros, via que eles brincavam, jogavam futebol, enfim. Mas sentia falta de algo em minha vida; não estou fazendo “crítica”, é algo que não sei explicar, mas é como se nada acontecesse. (MOURÃO, 2011, p. 36).

“Mas sentia falta de algo em minha vida”, percebe que é algo incompleto, a sua identificação desconhecia o local, é algo que não sabe expressar se era o lugar do outro ou aqui, ali? Como identificar ser “eu” e “quem sou eu?”. De maneira semelhante, Gisele Rangel relata que no mundo dos ouvintes (2018, p. 138) “No decorrer dos meus anos de infância e adolescência, eu não sabia que era surda.” É frequente a narrativa surda sobre a fase da infância e da adolescência, os relatos mais comuns nos permitem perceber que essa fase no território local seria uma fase de isolamento. No fragmento da dissertação de Cláudio Mourão (2011) foi utilizado o termo “território da infância e da adolescência”, o qual aqui será entendido como a fase da infância e da adolescência. Porque não tiveram oportunidade de ter modelos de adultos surdos que sabiam língua de sinais ou escola de surdos ou informação sobre a existência da língua de sinais.

As crianças, em suas famílias e quando entram nas escolas, se identificam umas com as outras ao longo do processo de educação, e assim, com a idade, no

local da cultura, estabelecem laços. A criança surda, no “território local”, apropria-se, identifica-se e constrói significados no campo: jogos, cozinhas, portas, rotinas e práticas sociais, e consegue identificar a linguagem das coisas que estão ao seu redor.

Em si como algo incompreendido, o viver no “território local” como se estivesse isolado, algo perdido, mas sem perceber e ao mesmo tempo se questionando sobre estar perdido nesse território, sentindo uma diferença com maior ou menor limitação como no relato do Cláudio Mourão, que via que brincando como se fosse esquecido “sou eu diferente outros, ou seja, uma criança surda a se identificar e tentar ser como eles, criar ‘laços’ na língua do ‘outro’”. Relato de Cláudio Mourão (2011, p. 36):

Os outros podiam ficar ali, aqui e lá enquanto eu permanecia parado sem saber o porquê. Mas continuava sorrindo, sem motivo, buscava algumas coisas para entender o que era aquilo ali, mas continuava entendendo pouco. Eu olhava meu corpo e cérebro: era como eles, o que havia de errado? Eles abriam a boca dirigindo-se aos outros e vice-versa, enquanto eu tentava imitá-los, ser como eles, outras bocas não respondiam. A diferença para mim estava na boca/fala e brincar, a boca que tentava imitar o outro.

Para nós, surdos, a experiência visual é sempre fascinante, pois para nós é como se tivéssemos olhos de águia, como se enxergássemos melhor. Sabemos que pode parecer mentira, mas é fato, e trazemos isso como um valor, um artefato cultural da cultura surda. Segundo Lodenir Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lunardi-Lazzarin (2011, p. 19):

[...] no entanto, independentemente do local onde vivem, um dos fatores que os identifica é a experiência visual. Isso não se relaciona a perspectivas compensatórias como usualmente são descritos os surdos: pela falta do sentido da audição, eles desenvolveriam o sentido visual. A experiência visual está relacionada com a cultura surda, representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar e de conhecer o mundo.

### **3. Território normalizado/padronizado**

O “Território normalizador/padronizador” é aquele que faz emergir os maiores traumas dos povos surdos, como a história da educação dos surdos, como passaram pelo Oralismo, pela Comunicação Total, pela Inclusão e pelo Bilinguismo, feridas tão profundas como as cirúrgicas, como algo que nos mol-

da, pois nossa história foi ditada em muitos momentos por quem não pertence a esse território. É impossível apagar as marcas dessa ferida do passado. O poeta Rimar Segala sinalizou uma parte:

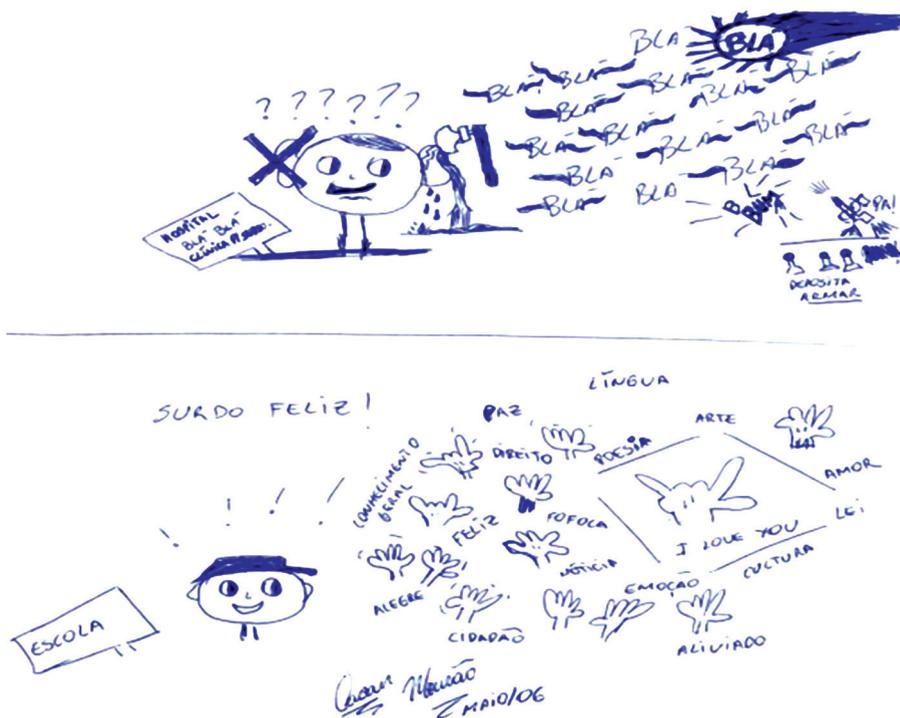
(...) toquei em outras que me levaram no tempo da proibição da língua de sinais no congresso de Milão quando da votação e da decisão pelo oralismo .... Nossa!!!

Resumo da “proibição da língua de sinais no congresso de Milão”, em 1880: na política institucional criaram uma votação para escolher os rumos da educação dos surdos: prática do Oralismo ou prática da língua de sinais, e o resultado da votação, de 160 contra quatro votos, exigiu (COSTA, 2007) e proibiu o uso da língua de sinais, e ficou valendo durante mais de 100 anos. É dolorido como a história da escravidão dos negros ou dos povos indígenas, que também faziam parte de território nacional, e é diferente dos contos de histórias, pois não foram “felizes para sempre”. A comunidade surda, mesmo sendo minoria, resistiu e manteve os movimentos em prol da língua de sinais para que esta fosse reconhecida com o *status* de língua. Como citamos anteriormente neste artigo, o discurso “clínico” foi o fracasso escolar pela questão da proibição da língua de sinais, durante cem anos, negando a existência da comunidade surda. Nesse caso, foram tentativas de correção e de fazer do “ouvintismo” o modelo.

Podemos perceber que tudo nessa história está relacionado, mesmo quando o sujeito surdo se irrita e se expressa num desenho no papel. Segundo Cláudio Mourão (2011, p. 36)

Desenho feito em um momento em que eu não aguentava e me irritava, por não entender a aula, onde não tinha intérprete de língua de sinais. Logo senti que precisava de alguma coisa para me acalmar. Peguei um pedaço de papel, desenhei para me expressar. Na disciplina de Futebol, no mês de maio de 2006, curso de Educação Física no Centro Universitário Metodista – IPA, em Porto Alegre/RS.

O relato é semelhante ao de outros autores que narram que a maioria das crianças e jovens surdos entraram tardiamente nas escolas regulares, com contatos de colegas ouvintes, que não compreendiam as palavras, que tentavam ser como eles por meio da “leitura labial”, sem acesso aos mínimos significados, que desconheciam a língua de sinais. Os pais ficam angustiados ao saber que filhos são surdos, têm vergonha por questões de padronização social. Levam os filhos nas escolas de surdos/classes especiais que se baseiam na filosofia e no



Fonte: desenho de Cláudio Mourão (MOURÃO, 2011, p. 36).

método de oralismo, mesmo sem compreendê-lo. São eles que narram que não se sentiam bem e/ou desconheciam outro “local”.

Para quem é surdo, é sofrido o modelo de integração nas escolas, como “território local”. Não estamos negando que os surdos possuem limitações e dificuldade a enfrentar, porque eles nascem e têm como principal experiência a visual e têm facilidade de se comunicar – mesmo aqueles que não sabem língua de sinais. Isto é um problema de aceitação pela sociedade, que não vê como os surdos são humanos, como eles são “normais”. Isso acarreta dúvidas para as crianças surdas, que ficam se perguntando porque eles não conversam comigo (movimento de bocas) e brincam comigo, mas não mesma forma como com outra criança ouvinte.

Vamos refletir sobre o relato de Cláudio Mourão (2011, p. 36):

(...) eu brincava no meio do território da “diferença” e com o maior prazer eu participava de natação, futebol de campo, ping-pong, sinuca, dança popular (quadrilha, forró e outros) e outros tipos de jogos, sem maiores dificuldades. Esse tipo de jogos fui

desenvolvendo nas práticas sociais. Na infância ficava a maior parte da vida brincando e assim, fui descobrindo significados dos jogos enquanto a boca era desconhecida.

Quando as crianças surdas entram na escola de surdo e/ou encontram os pares surdos, em língua de sinais, eles se identificam com a comunidade surda e o povo surdo por ter encontrado sua língua de sinais. Ana Regina de Campello relata sobre nós, surdos:

Fomos vítimas de violência moral, psicológica, assédio ouvintista, menosprezo, intimação, deturpação verbal, ataque verbal (e visual), intolerância, mas mantemos, com cabeça erguida e firme, nossos propósitos, apesar da opressão, da intolerância e da diferença linguística. (2019, p. 19).

Alguém pode desejar e/ou tentar ocultar a história dos oprimidos/colonizados, mas o que ocorreu, mexeu com o outro, entra nas páginas de história e a cada dia novos acontecimentos são incluídos nessas páginas. O território surdo existe, o que ocorreu e/ou ocorre nos mostra que fomos e continuamos sendo vítimas de violência linguística e cultural, nossa história está no Museu de Território.

O território da padronização torna-se um espaço de guerra ideológica, espaço fronteiro onde a todo momento o povo surdo precisa lutar por mais espaços de visibilidade, ao mesmo tempo que precisa zelar pela manutenção dos limites já estabelecidos e conquistados para que não sejam retirados ou invadidos por propostas que não compartilham dos valores do nosso povo.

Essas narrativas surdas são importantes para a comunidade surda, e necessitam ser contadas e recontadas na literatura surda- nossa história, a história dos surdos -, para que percebamos o local de violência linguística e cultural e para que este não seja confundido como “nosso local”. Normalização e padronização, precisamos ressignificar esses conceitos, para não permitir que o desconhecimento nos faça repetir os erros como os do passado, sem a percepção de si mesmos.

#### **4. Território Surdo**

O Território Surdo tem uma longa história, compartilhada a cada geração pelos surdos uns com os outros. Essa circulação, esse consumo de produção e seus significados, são eles mesmos que narram. Seus líderes, os líderes surdos, apresen-

tam aos mais jovens a importância de manter sua territorialidade, sua resistência surda, e os surdos recebem pela educação que todos devem lutar pela sua causa, suas políticas, políticas linguísticas. Desde a idade antiga até hoje, nós agradecemos aos ouvintes aliados que apoiaram as lutas do nosso povo surdo e por isso fazem parte da nossa comunidade surda; eles ensinaram/ensinam aos surdos compreendem nossa cultura surda, a educação e as políticas linguísticas, ajudaram a fundar as escolas de surdos, assim como Rimar Segala poetiza nesse recorte:

Me aproximei e ao trocá-las fui levado no tempo onde Lepper ensinava crianças em língua de sinais. Uau!!! Toquei em outras mãos, fui levado no tempo a Gallaudet na preparação de vários estudos... toquei em outras e me vi no Brasil no tempo em que a Feneis foi fundada e Ana Regina....

A escola também é terreno fértil para muitas histórias (COSTA, 2007), vamos revisitar no tempo várias cenas de “histórias de Surdos” que são frequentes na literatura surda e “contam e recontam de geração em geração” (KLEIN; LUNARDI, 2006; HALL, 2011; COSTA, 2007; MOURÃO, 2011.). O Abade Charles Michel de L'Épée, em Paris, França, fundou o Instituto Nacional de Surdo-Mudo de Paris, a primeira escola pública do mundo. O americano Thomas Gallaudet foi para a Europa, buscou informações sobre surdos, conheceu o professor surdo Laurent Clerc no Instituto Nacional de Surdo-Mudo de Paris e o convidou para fundar uma escola de surdos nos Estados Unidos. No Brasil, em 1987, Ana Regina de Campello fundou a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS - no Rio de Janeiro, RJ, e foi a primeira presidente surda. Existem muito mais fatos da história dos Surdos no Brasil e no mundo que não cabem aqui neste artigo. Esses são exemplos daqueles que nasceram no território surdo, logo na nação surda; e que têm trabalhado em prol de produzir significado do sentido de existir e pertencer a esse território.

Cláudio Mourão descreveu de forma literária, quando descobriu a terra da língua de sinais:

(...) naveguei de barco no meio das tempestades, chuvas e cheio de trovões e raios, finalmente o sol apareceu entre as nuvens, brilhou na direção do barco, a neblina foi abaixando e percebi que no céu era lindo o dia. De repente, vi unicamente duas mãos sem corpo que apareceram voando no céu, como se fossem pássaros, voando suavemente e me olhando com sorriso, deu sinal de arco-íris. Neste momento, meus olhos brilharam, logo que o arco-íris tocou o chão vi que a terra vista era chamada

Língua de Sinais. As árvores se formaram nas mãos, uma mão dizia” COMUNICAR”, outra mão dizia: “ENSINAR”, “SABER”, “CONHECIMENTO”, “ESCRITA”, “POLÍTICA”, “AMOR” e outros.

Vi que os sujeitos surdos se comunicam pelas mãos que era então a grande desconhecida para mim. Desembarquei na terra *Língua de Sinais*, os meus pés criaram raízes e descobri que esse é meu mundo surdo. Como se uma semente estivesse saindo, formando árvore de mão, ou seja, nasci em terra surda. Eles são como eu, com o mesmo território visual, cultura e comunicação. (2011, p. 37).

Metaforicamente, ele nasceu em território nacional e vivenciou assim como muitos surdos cada um desses níveis antes de ser recebido em sua pátria, o território surdo. Sendo formado e transformado, adquirindo significados nos seus lugares, o que nos permitem os seus grupos e pares surdos. Eles traduzem a sua experiência, suas identificações, como marcadores culturais surdos. São eles sujeitos surdos que começaram a expressar o sentimento de “ser surdo”, porque não viam e/ou desconheciam, e não compreendiam aquele outro território, mas agora desbravam o seu.

Por fim, este território surdo é algo que completa a vida para o surdo, não é focalizando somente o “surdo”, mas é algo que acontece pela comunicação, aquilo que provoca em cada um e no outro que recebe a informação, as palavras “completas”, os significados. Nosso corpo age sob efeito de emoção, de compreensão, de entendimento, de conhecimento, enfim age como Língua. Isto acontece comigo, o ser surdo, que está no território surdo e com uma própria língua como a língua de sinais; e com o ser ouvinte, que está no território ouvinte, com uma língua própria como a língua falada (português, inglês, espanhol, etc.). (CLÁUDIO MOURÃO, 2011, p. 38).

Com o impacto gerado pela descoberta de um território, não novo porque sempre existiu, mas recém-descoberto, surgem para este sujeito surdo, que encontrou seu lugar, novas provocações: E agora o que se passa entre eles? Seriam eles ou nós, agora? E em volta das mãos “língua”? Começa um processo de ressignificação de valores e conhecimentos, inicia-se a etapa de adquirirem os conhecimentos, do modo formal de contar histórias, seus heróis e suas ações, eles que narram através de sua subjetividade a sua experiência e transmitem significados que passam aos próximos a sua sabedoria, a sabedoria ancestral que os une, laços entre os sujeitos/coletivos juntos no território surdo. Eles constroem e produzem a sua forma de nação, segundo Costa (2007) “A nação surda se

constrói com suas representações culturais que são narradas de geração a geração.”, Cláudio Mourão continua narrando:

Entre as crianças ou adolescentes surdos há algo como a sensação de prazer enorme que é estar na mesma cultura entre visualidade/gestos, não compartilhando somente o sistema linguístico, também a identidade e ambientes, principalmente na escola com a presença de professor surdo. Não importa se o professor é ouvinte ou surdo, importante é que saiba fluentemente a língua de sinais, que entenda de cultura surda, hábitos, adquirindo a língua e participando da comunidade surda. A significação das palavras é algo importante de saber e entender, é nosso direito na escola. (2011, p. 38)

A sensação de prazer é a de estar num ambiente agradável em forma de conforto linguístico, bem como cultural e educacional, onde eles estejam, sem intolerância linguística. Um povo que já foi oprimido hoje pode fazer diferente do seu opressor. Educação é direito de estar, narrar, de sentir prazer na mesma cultura, num coletivo da visualidade/gestual.

Como citei anteriormente, pelas autoras Madalena Klein e Márcia Lunardi (2006), o território é uma produção social e não individual, é a sensação de um sujeito que se sente “em casa”. Neste caso, os sujeitos surdos se sentem em casa no que aqui denominamos Território Surdo.

Nossa!!! Agora ao olhar para a inscrição “Museu do Território” entendo que nós surdos não temos um território físico como esses diversos países. Para nós surdos nossa língua de sinais, ela é nosso real território! (Rimar Segala).

No Museu de Território, que os leitores possam visitar o espaço, “eles que narram” o passado para compreender o presente. Percebe-se, reconhece-se nos valores da história de surdo e literatura surda que eles narram no território surdo. Para finalizar a sua língua no território “Mãos”:

As mãos, na língua de sinais, produzem as palavras, voam como a velocidade da luz, atravessam a visão do outro, desembarcam no aeroporto dos olhos, automaticamente as malas vão parar no cérebro, explodindo os maiores parques do mundo, onde podem brincar de roda gigante, carrossel, montanha russa. Com as palavras gritando, entre uns e outros, são produzidas linguagens que se conectam além do significante/significado, se tornam signos, e logo nasce o compreender e entender das palavras. Os alpinistas sanguíneos (grupos sanguíneos), que carregam os “signos”, atravessam os braços, em meio à área montanhosa, vão até o fim, chegando às mãos, entregando às mãos as palavras/significados que voam para outra visão, que as recebe, com maior prazer de entendimento. (CLÁUDIO MOURÃO, 2011, p. 38).

## 5. Território indelével

Para encerrar nossa prosa poética, o que nós queremos dizer que eles narram, o sentido vivido, o espaço entre as mãos e os olhos que circulam produzindo significados e memórias, heróis, línguas, literaturas e histórias. Eles que narram sua cultura, e na fronteira orgulham-se do seu hibridismo. Suas normas, eles são “sujeitos surdos” que vivem em territórios “locais”, de sua subjetividade desconstruindo padrões e normatizações. Eles narram seu passado para não repetir no presente o preconceito linguístico do “ouvintismo”.

Eles narram os seus descobrimentos da terra, eles se identificam, sensação de pele de ser surdo, os olhos como eles, sentido-se em casa, que permitem respirar no local se sente de arte, língua, cultura, história e literatura, chamado Território Surdo.

Reflete-se, não há encerramento, não há fim no Museu de Território, haverá próximas gerações, durante as passagens de gerações das mãos literárias, como diria em 1913, George Veditz, surdo americano, em língua de sinais americana (ASL) “Os surdos são... primeiro, último, e todo o tempo o povo do olho” (BAUMAN, 2006). Neste caso, é lugar da história do tempo que leva o povo de olho no Território indelével dos Surdo.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. 56ª. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAUMAN, H-D.; Nelson, J.; ROSE, H. *Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature*. University of California Press, 2006. p. 21-50.

BHABRA, . K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998.

CAMPELLO, A. R. Palavras iniciais. In QUADROS, R. *Libras*. Editores científicos: Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

COSTA, L. M. da. *Traduções e marcas culturais dos surdos capixadas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a história*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

GUATARRI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed., 1. Reimp. Rio de Janeiro: DP & A. 2011.

KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

KLEIN, M.; LUNARDI, M. Surdez: um território de fronteiras. *Educação Temática Digital, Campinas*, v. 7, n. 2, p.14-23, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

LINHARES, R. S. de A. *Traduzir a surditude: diálogos entre pesquisadores surdos do Brasil e a tradutologia das línguas de sinais*. 2019. 240 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, UFSC, Florianópolis, BR-SC.

MONTEIRO, M. Mestres e doutores surdos: um estudo sobre a crescente formação especializada de pessoas surdas no Brasil. In INES, *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 48, jul-dez, 2017.

MOURÃO, C. H. N. *Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais*. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, BR-RS.

\_\_\_\_\_. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS.

PERLIN, G.; REIS, F. Surdos: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, G. e STUMPF, M. (Orgs.). *Um olhar sobre nós surdos*. Curitiba: Editora CRV Ltda, 2012.

QUADROS, R. M. de. *Libras*. Editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RANGEL, G. Eu sou Gisele! Sou surda! In: ZIESMANN, C. I. [et al]. *Famílias sem Libras: até quando?* - Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

REIS, F. *A docência na educação superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos*. Uberlândia: UFU, 2015. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

SILVA, C. *Corredores do silêncio: territórios e territorialidade de resistência da cultura surda*. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 199 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M.de. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. *Brazilian Journal of Development*. Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, Oct. 2019 – ISSN: 2525-8761.

SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. – 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

WRIGLEY, O. *The Politics of Deafness*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1996. (texto traduzido para uso e Seminário Avançado).